

Gonçalo Cadilhe andou um ano à procura da onda perfeita

Livro. Escritor e viajante, quando fez 40 anos, Gonçalo Cadilhe decidiu cumprir um sonho antigo e passar um ano a surfar em 12 das melhores ondas do mundo. O relato dessa viagem está no livro *Passagem para o Horizonte*, agora editado

MARIA JOÃO CAETANO

“Uma pessoa chega aos 40 anos e compreende que, estatisticamente, está no meio da vida, e isso tem um valor simbólico muito forte.” É um bom momento para “fazer as contas à vida”. Um bom momento para parar um pouco e pensar na vida que se tem levado. E, porque não?, para fazer aquela viagem com que se sonha desde miúdo?

Foi isso exatamente que fez Gonçalo Cadilhe: em junho de 2008, um mês depois do 40.º aniversário, munido de um bilhete de avião RWT (Round the World Ticket), respetivas possibilidades e limitações, foi à procura de 12 das ondas mais desejadas pelos surfistas. Tinha um ano de viagem pela frente e um mês para cada uma das “ondas perfeitas”, escolhidas por motivos práticos – as ligações das viagens e a época do ano melhor para o surfem cada ponto do globo, por exemplo – mas também com motivos emocionais. Gonçalo sabia que queria começar em Jeffreys Bay, na África do Sul, onde pediu a um amigo, o *shaper* Mike Meyer, para lhe construir uma prancha especial para esta viagem. As etapas seguintes levaram-no até Ponta do Ouro (Moçambique), Punta Roca (El Salvador), Barra de La Cruz (México), Mount Irvine (Trinidad e Tobago), Punta Carola (Equador), Rincon (EUA), Honolua Bay (Havai), Mangamaunu (Nova Zelândia), Kirra (Austrália), Lagundi Bay (Indonésia) e Arugam Bay (Sri Lanka).

No livro *Passagem para o Horizonte*, que agora é editado, Gonçalo Cadilhe relata esta viagem, recordando momentos e pessoas que encontrou, ao mesmo tempo que vai dando dicas úteis a todos os surfistas que sonham com estas ondas e vai (técnicas para ser bem tratado no controlo de passaportes, como acomodar a bagagem no saco da prancha, aprender a ceder prioridades nas ondas e outras coisas assim), ainda, fazendo a ponte com memórias mais antigas, como as da infância na Figueira da Foz, da primeira vez que surfou, do primeiro emprego que teve, de outras viagens que entretanto realizou. O resultado é um livro tão pessoal quanto o projeto que esteve na sua origem.

Ser viajante é uma profissão como outra qualquer, avisa Gonçalo Cadilhe. Habitado a comentá-



PAULO SPRINGER/GLOBAL IMAGENS



Gonçalo Cadilhe numa das suas paragens em Lisboa. À esquerda, após apanhar uma onda, na viagem de 2008/09. E, em baixo, o Cabo Byron, na Austrália, numa foto sua



rios como “tu é que tens sorte por andar sempre a viajar” ou “que rica vida a tua”, faz questão de sublinhar que viajar dá trabalho e que a vida que tem, e que foi a que escolheu, não lhe caiu no colo de um dia para o outro. “Desde muito cedo que comecei a lutar por ela”, diz. Ainda as-

sim, tem noção da sua felicidade. Há uma “gratidão” que não tem necessariamente que ver com religião, mas com o facto de poder ter um trabalho que lhe dá prazer. E chegar aos 40 anos com esta certeza não é algo a menosprezar. “No dia a dia poucas vezes tenho esse tempo

para parar e pensar e agradecer. Esse ano permitiu-me isso, essa serenidade de quem se sente feliz com as opções que tomou ao longo dos anos, de quem quer reafirmar o caminho que tem percorrido. E, portanto, estou com uma disponibilidade mental e emocional para, se

PERFIL

GONÇALO CADILHE

- Nasceu na Figueira da Foz, em 1968
- Licenciou-se em Gestão de Empresas
- Como “viajante profissional”, já fez três documentários para a RTP2 e publicou dez livros de viagens, além de reportagens e crónicas em várias publicações. Organiza e acompanha viagens em colaboração com a agência PLV.
- Podia ser músico ou surfista, mas optou por ser viajante. Percorreu os passos de Fernando Mendes Pinto, atravessou África de uma ponta à outra, esteve em locais exóticos como as Galápagos ou a Patagónia mas volta sempre a casa, em Portugal. Em 2002, Gonçalo Cadilhe iniciou uma viagem à volta do mundo sem transporte aéreo que durou 19 meses, percorrendo 38 países. A viagem foi sendo relatada semanalmente no *Expresso* e deu depois origem ao livro *Planisfério Pessoal*. Foi uma das suas maiores aventuras.



'Passagem para o Horizonte'
Gonçalo Cadilhe
Clube do Autor
264 páginas
14,40€

for o caso disso, aceitar outras direções. Eu não fecho portas, vou caminhando e vou espreitando para lá das portas a ver se me interessa atravessá-las. Tudo é possível.”

Ter 40 anos, acaba por concluir, é estar feliz a olhar uma das melhores ondas do mundo e optar por não a surfar. “Esta viagem também serviu para me ensinar que afinal o que nós surfistas andamos à procura não é da onda perfeita mas sim do momento perfeito na onda.” E depois de mais de um ano a viajar por 12 ondas de sonho, Gonçalo Cadilhe conclui: “Continuei a achar que essa noção subjetiva de onda perfeita reconduz-me a casa, à Figueira da Foz, é aí que sinto que existe a onda perfeita.”